

ÁGUA DA PALAVRA QUANDO MAÍIS DENTRO AFLORA

Abertura: 27.10.18, às 13h

Visitação: de 30.10.18 a 02.02.19

Horário: de terça a sexta, das 10h às 19h, sábados das 10h às 17h

Adelina

Rua Cardoso de Almeida 1285 - Perdizes, São Paulo/SP

+55 11 3868 0050 - oi@adelina.org.br

Anna Guilhermina
Deco Adjiman
Elida Tessler
Fabio Morais
Isabella Beneduci Assad
Jorge Menna Barreto
Karina Machado
Lívia Aquino
Marta Matushita
Ricardo Barcellos

CURADORIA: GALCIANI NEVES



realização:

Adelina
instituto cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO
FEDERAL

Contexto: avalanche e abismo A primeira montagem de Água da palavra/Quando mais dentro aflora ocorreu em abril de 2018, no HilbertRaum, em Berlim, a convite do artista grego David Benforado, um dos gestores deste espaço independente. Naquele momento, no Brasil, fermentavam inúmeros motivos para termos chegado a um cenário alardeado como “crise política” – um golpe, uma presidenta destituída, reformas econômicas que não se completavam, a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, intervenção militar, como propaganda eleitoral para 2018, enquanto as investigações da Operação Lava Jato disseminavam pânico numa população de políticos e empresários que se consideravam invulneráveis. Estávamos cientes de que esses e outros fatores encontravam-se de mãos dadas com a lógica de impunidade e com a politicagem que há tempos operam no país, e com a repressão, descaradamente em vigência, silenciando vozes que ousavam opor-se aos ditames corruptos e violentos desse tal poder (#mariellepresente). Passados 6 meses, o Instituto Adelina nos convida a remontar a mostra em São Paulo, no exato momento em que nos encontramos às vésperas da sucessão presidencial. E o país está em polvorosa, numa avalanche de memes e fake news e na ausência total e completa de um debate sério sobre os possíveis projetos de governo.

A crise se arrasta. E, segundo a escritora Eliane Brum¹, estamos vivendo mais que uma crise política, uma “crise da palavra”. Fomos interdita^{dxs}. Nossas palavras e nosso dizer tornaram-se garrafas jogadas ao mar. Fomos distanciad^{dxs} propositadamente ^{dxs} noss^{xs} destinatá^{rixs}. Nossas palavras são apenas repetições que voltam para nós mesm^{xs} ou para si mesmas, na melhor das hipóteses. Também fomos dividid^{dxs}, tod^{xs} nós – negr^{xs}, povos originários, mulheres, crianças, idos^{xs}, gays, transgêneros. Fomos sendo apartad^{dxs}: entre aqueles que se agarram a um fio de esperança, que lutam pelo essencial respeito à democracia e contra uma ameaça fascista (#elenao), e ^{xs} habitantes de uma bolha que acreditam no que Brum tem definido como “autoverdade: o conteúdo [de intolerância] não importa, importa o ato de dizer”².

Enquanto repensávamos os trabalhos para serem apresentados no Brasil, o texto de Julia Kristeva³ (professora, filósofa, escritora, crítica literária, psicanalista e feminista búlgaro-

francesa) nos cruzou o caminho e adensou essa discussão: “Fechar o espaço da consciência de fala é condenar a pessoa e seus laços sociais a uma virtualidade insignificante, e essa nova doença da lama desemboca em dois abismos: de um lado, o niilismo desiludido, do outro, o transcendentalismo fundamentalista”. Nosso espaço de consciência de fala e de debate foi expropriado, esvaziado, implodido – numa evidente demonstração de desprezo e de falta de respeito por nós, que desejamos e promovemos a emancipação e a construção de comunidades de partilha. Diante desse cenário de encarceramento das nossas potências de fala, ainda nos indagamos: que forças as palavras podem revolver para voltar a dizer no Brasil, sobre o Brasil, atravessando o Brasil?

“Risca certa”⁴ João Guimarães Rosa fabulou um Brasil nada turístico e distante das praias – narrou o sertão profundo, onde vive o trabalhador da roça, e as lamúrias de um país para dentro de si. Grande curioso pelas gramáticas, Guimarães falava 19 línguas e era um inventor de palavras, de expressões e de noções linguísticas em seus romances. O escritor intraduzível, cuja escrita é de vastíssima interpretação mesmo para brasileiros, trocou cartas com alguns de seus tradutores que estão reunidas no Acervo João Guimarães Rosa, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), em São Paulo, e totalizam 372 documentos. Estão publicadas as cartas trocadas com o tradutor italiano Edoardo Bizzarri, com o tradutor alemão Curt Meyer-Clason e com a tradutora estadunidense Harriet de Onís. A primeira tradução de uma obra de Guimarães para o idioma alemão foi publicada em 1964. Tradutor e autor concordaram, então, com uma versão de “Grande sertão: veredas” após seis anos de trabalho e negociações editoriais. Em sua tradução, Clason construiu um glossário com 57 palavras que eram impossíveis de traduzir para o alemão, dentre elas: sertão, vereda, quintal, sêo.

A relação entre o conto “A terceira margem do rio” (publicado no livro “Primeiras estórias”, em 1962), de Guimarães Rosa, e a composição musical de mesmo título, de Milton Nascimento e Caetano Veloso (lançada no álbum “Circuladô”⁵, em 1991), interessava profundamente para o contexto desta mostra, quando a levamos para Berlim. Os compositores tentaram recriar o conto a partir da sonoridade das palavras e do ritmo da narrativa de Guimarães, e também levaram em consideração algumas perguntas que seguem sem resposta e acontecimentos sem antecedentes na trama, como

4. Verso de “A terceira margem do rio”, composição de Caetano Veloso e Milton Nascimento.

5. Disco de Caetano Veloso, em que o cantor e compositor faz homenagens a grandes nomes da literatura brasileira.

a decisão repentina de um pai em largar sua vida e viver em uma canoa, o que é a terceira margem do rio e o que é esse rio, metaforicamente.

O conto, narrado pelo filho, é uma história acerca do que não se enquadra, do que não somos habituados a viver, numa linguagem de maravilhamento e de transcendência sobre acontecimentos fantásticos. Milton e Caetano versaram sobre a angústia do filho, o silêncio do pai, a figura misteriosa de um rio e as densidades constitutivas do texto-teia de Guimarães: “Proa da palavra, duro silêncio, nosso pai, / Margem da palavra entre as escuras duas / Margens da palavra, clareira, luz madura / Rosa da palavra, puro silêncio, nosso pai / Meio a meio o rio ri por entre as árvores da vida / O rio riu, ri por sob a risca da canoa / O rio viu, vi e ninguém jamais ouviu / O rio, ouviu, ouvi a voz das águas / Asa da palavra, asa parada agora”¹. E, assim, evocaram também a narrativa misteriosa do conto em que elementos como água, tronco, natureza, fluidez e silêncio ganham sonoridade, nos convidando a navegar por um rio denso, escuro, perigoso.

O título da mostra, explícita referência a versos da música, “Água da palavra / Quando mais dentro aflora”, tenta evidenciar a palavra e, junto com ela, a sua pronúncia e a sua força de narrar e ficcionalizar a vida, como fonte inesgotável de sentidos: sempre a serem refeitos, manufaturados, em plena abundância de algo a dizer, pensar e inventar sobre o mundo, como instância de sobrevivência, como componente relacional da esfera pública. Podemos, assim, admitir, a palavra como um rio imenso, de águas profundas a se mergulhar, cujo percurso infundável tem margens não cartografáveis, onde os avanços de poder não penetram, pois a jurisdição é a do desejo, sempre mutante, sempre insistente, sempre incontestável.

Contraplano ou “são muitas as chaves quando somos mais de um”² A palavra, como grito, como sussurro, como ação de resistência, como fatura poética, é um dos mais fortes poucos abrigos. E em suas fissuras e explosões residem algumas das hipóteses deste projeto de exposição. Dez artistas conectam-se por processos de tradução de obras literárias contemporâneas brasileiras, por processos de criação que se valem da língua, da literatura, por performatividades do dizer, por gestos de escritura e escultura da palavra. Jogam tentáculos com a intenção de ampliar, trans-criar, atualizar, recontar e construir narrativas. E, nesse sentido, o dizer por escrito e a imagem-fábula que daí se ampliam são uma arma potente para construirmos lugar de voo, de experimentação. A palavra – instância conjugada da língua – é matéria e ignição para os trabalhos

6. Verso de “A terceira margem do rio”, composição de Caetano Veloso e Milton Nascimento.

7. Anotações da artista Mayra Martins Redin, 2018.

de Anna Guilhermina, Deco Adjiman, Elida Tessler, Fabio Morais, Isabella Beneduci Assad, Jorge Menna Barreto, Karina Machado, Lívia Aquino, Marta Matushita e Ricardo Barcellos.

E, assim, pensamos o criar como luta contra a afasia, como resistência, ainda que esses atos sejam uma interferência mínima e de alastramento contido; um mero caminhar na contramão, que seja; um mínimo gesto de fratura da ordem fatídica desse real que nos interpela à queima roupa. A arte pode ser apenas um esboço de interrupção, que, ao adicionar uma imagem, uma percepção do real, um sentido outro de estar no mundo, introduz, ainda assim, uma pausa que pode confundir os poderes vigentes e uma chance de tornar pronunciável outras forças de engajamento, de discussão, de combate.

Ainda que a descrença e as intensas ondas de opressão nos violentem, alguma resistência nos mobiliza a um exercício de invenção e de produção poética. Contra a permanência das estruturas, contra a mera aceitação ao “é assim que temos que sobreviver”, contra a paralisia. A arte não é o único caminho, temos isso em mente. A luta é coletiva e ancorada em muitas mãos e fazeres. Mas compartilhamos aqui um desenho de algo que, ao menos, ousa projetar um possível ser e estar juntos, como um refluxo de não ao que não suportamos e de sim ao que desejamos.

“rio abaixo, rio a fora, rio a dentro”³ Em tempo, é preciso deixar claro: há muitos modos de estar com a palavra. Arquitetamos este mostra, para acontecer em Belrim, com intenção de lançar olhares em alguns de noss^{xs} escritora^s – Miná Bulcão Ribas, Ana Cristina Cesar, João Guimarães Rosa, Adelaide Ivánova, Hilda Hilst, Clarice Lispector, Paulo Leminski – considerando, a princípio, suas obras e suas dizibilidades como um corpo que deixa transparecer muito acerca do Brasil, dos nossos afetos, dos nossos maus tempos políticos, de nossas infâmias, de nossos prazeres, de nossas ousadias culturais, feministas e literárias de renomear/reencenar a palavra. Dessa maneira, acreditamos que os gestos dos artistas que irrompem das páginas dessas escritoras e escritores são uma insistência que re-presentifica, ao mesmo tempo em que inventa questões, poéticas, sons, imagens e testemunhas-autoras do que foi constituído anteriormente nos livros já publicados. Tratam-se, portanto, de operações tradutórias e de ações que ampliam “modos de querer ver” o original, para citar Walter Benjamin (“A tarefa do tradutor”, 1923).

Nesse sentido, é preciso ressaltar que há no Brasil uma geração de poetas/tradutores,

8. Trecho de “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa, 1962.

1. Texto “O Brasil desassombrado pelas palavras-fantasma”, de Eliane Brum, publicado em 10/julho/2017, disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/opinion/1499694080_981744.html>.

2. Texto “Como resistir em tempos brutos”, de Eliane Brum, publicado em 09/outubro/2019, disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/08/opinion/1539019640_653931.html

3. Kristeva, Julia. Meu Alfabeto. Ensaios de Literatura, Cultura e Psicanálise. Edições Sesc: São Paulo, 2017.

encabeçada por Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari e Julio Plaza, que encararam a tarefa descrita por Benjamin como uma ação nas estruturas, entre linguagens, como uma ação lúdica e lúcida, crítica e criativa. “(...) como diálogo de signos, como um outro nas diferenças (...). quer dizer, como trânsito de sentidos, como transcrição de formas da historicidade. (...) a tradução, como prática intersemiótica, depende muito mais das qualidades criativas e repertoriais do tradutor, quer dizer, de sua sensibilidade, do que da existência apriorística de um conjunto de normas e teorias: ‘para traduzir os poetas, há que saber-se poeta’”⁴.

E é na esteira desses pensamentos ressoantes que os trabalhos acontecem. É possível, então, perceber que o conjunto de trabalhos apresentados na mostra, em sua primeira montagem, deparava-se com uma viagem Brasil-Alemanha, e com questões de atualização e de refeitura de contextos literários para o campo das artes visuais: em práticas de apropriação de textos e ressignificação de tramas literárias por meio de experimentação de matérias-primas; em exercícios performativos, que elucidam e trazem à tona questões biográficas e históricas; em processos de formulação de arquivos, seleção e edição de imagens que buscam re-caracterizar algo que não está obviamente expresso nos textos, mas que suscitam tais movimentos de leitura; em procedimentos de fratura e também de reescrita de obras literárias, com a intenção de ressaltar questões estruturais das narrativas ou dos processos de constituição ficcional que figuram nas obras originais e que são ressaltadas com outros ares nos trabalhos dos artistas. Todos esses gestos em suas diversidades criam e acontecem em um outro lugar/tempo de ver, de ser e de exercitar a palavra, a consciência da fala, do dizer – externa aos livros, materializada no espaço, disponível ao/com o corpo.

Nesta segunda montagem, o projeto parecia apontar para a necessidade de um chão, solicitar uma pista de pouso (conflituosa, diga-se de passagem). Assim, os trabalhos de Deco Adjiman, Elida Tessler e Jorge Menna Barreto foram incorporados à mostra. De palavras derivadas de encontros e mestiçagens de línguas (português, o tupi e o quimbundo) e da orgia de construção entre seus sons e significados, que insistem em ser pronunciados apesar dos apagamentos. De uma deliciosa fábula em construir um “colar de pérolas” para Haroldo de Campos, com pratos serigrafados com verbos no infinitivo, ou seja, em sua máxima potencialidade temporal, para narrar “um horizonte do provável”. De mimetismo forçado, esgarçamento e subtração de estruturas, contágio

9. Trecho de “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa, 1962.

entre palavras para produção de um material dizível que invente outros possíveis. São dessas naturezas de materialidade que construímos um alicerce de re-enraizamento.

Os trabalhos de Água da palavra/Quando mais dentro aflora parecem nos provocar a perceber outros tantos e variáveis sentidos daquilo que habita o terreno da palavra, o corpo da palavra, e também o corpo de quem diz, de quem escuta, de quem está em embate. Nosso diálogo de aqui viajou a um outro agora, lá longe, em Berlim, com a vontade de narrar “o dentro do Brasil”⁵. E agora retorna com a vontade de estar junto numa luta que passa pelas nossas bocas, de todos nós, umas nas outras, umas diante das outras, umas aglomerando-se com outras tantas para incitar “a margem da palavra / a hora da palavra / a casa da palavra, onde o silêncio mora / brasa da palavra”⁶. E é por entre os espaços que o rio corre que resistimos: “não vamos enlouquecer, nem nos matar, nem desistir. Pelo contrário, vamos ficar ótimos e incomodar bastante ainda”⁷.

Galciani Neves
(OUTUBRO/2018)

10. Trecho de conversa entre Caetano Veloso e Milton Nascimento, no vídeo disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=j32B7tz-5Cs&list=RDj32B7tz-5Cs>>.

11. Versos de “A terceira margem do rio”, composição de Caetano Veloso e Milton Nascimento, 1991.

12. Trecho de uma carta escrita por Caio Fernando Abreu para Jacqueline Cantore, em 1º. de novembro de 1983.